

UM PERCURSO HISTÓRICO-EVOLUTIVO DA CATEGORIA

PORÉM

A HISTORICAL-EVOLUTIONARY PERIOD OF THE CATEGORY

PORÉM

Alessandra da Costa Carvalho¹

Ednalvo Campos²

Resumo: A categoria *porém* originou-se de um advérbio latino que exprime valor conclusivo-explicativo. No entanto, devido a evolução da língua, essa categoria sofreu modificações sintático-semânticas passando a exercer a função conjuntiva com sentido de adversidade. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar quais foram as influências que os estudiosos normativos da língua levaram em consideração para classificar a categoria *porém* como conjunção adversativa. Verificou-se que a categoria *porém* é um conector contrastivo, o que o diferencia das conjunções coordenadas adversativas. Ademais, concluiu-se, por meio da análise, que apesar de ter sofrido modificações no sentido, ainda apresenta traços de sua fonte adverbial.

Palavras- Chaves: Advérbio. Categoria. Conjunção. Porém.

Abstract: The category *porém* comes from a latin adverb that expresses conclusive explanatory value. However, due to the evolution of language, this category underwent syntatic-semantic modifications which began to exert the conjunctive function with a sense of adversity. Therefore, the objective of this work is to investigate what were the influences that normative studios of language considered to classify the category *porém* as an adversity conjunction. It has been found that the category *porém* is a contrastive conector which differentiates it from coordinating conjunctions of opposing. Nevertheless, it was concluded through the analysis that although undergoing changes in the meaning still present traces of its adverbial source.

Keywords: Adverb. Category. Conjunction. *Porém*.

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa sofreu e sofre até hoje constantes modificações, assim como qualquer língua natural, pois “uma língua natural abrange mais do que mera estrutura de um sistema que ‘herdamos de gerações anteriores’” (Cf. BASSO, 2013), ou seja, a língua deve ser entendida como um sistema aberto, visto que ao mesmo tempo em que compõe uma cultura, ajuda a construí-la. Dessa forma, a língua transforma-se com o

¹Discente do Curso de Especialização em Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e suas práticas literárias pela Faculdades Integradas Brasil Amazônia (FIBRA). Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa - pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: alessandracarv4@gmail.com

² Professor Doutor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: ednalvoc@yahoo.com

passar do tempo devido às necessidades comunicativas do falante para se adequar aos mais variados contextos. Entretanto, o uso não deve ser de maneira eventual, de acordo com a vontade do falante, pois há princípios intralinguísticos e extralinguísticos que regulam tal processo.

Levando em consideração as mudanças que a língua está sujeita, neste trabalho foi analisado o processo de mudanças sintático-morfológicas que a categoria gramatical *porém* sofreu ao longo da história do português até atingir as postulações atuais. É importante ressaltar que o termo categoria³ é utilizado para não estabelecer nenhuma definição prévia ao elemento em questão.

As possíveis alterações pelas quais a categoria possa ter passado, provavelmente, influenciaram-na ou modificaram-na. A busca por respostas a essas prováveis mudanças motivou a investigação feita nesta pesquisa, cuja descrição consistiu em textos produzidos no século XIX com a finalidade de observar se o uso do *porém* encontra-se de acordo com as postulações normativas da língua.

A tradição gramatical classifica o item como uma conjunção coordenativa adversativa, já os estudos descritivos conceituam essa categoria como advérbio juntivo⁴ (Cf. GONÇALVES *et al*, 2007). Ademais, ao longo da história do português houve a evolução de *por ende* para *porém*, em que o sentido de causa-conclusão passou a ser adversidade (Cf. BARROS, 1986). Portanto, entender as mudanças pelas quais esse elemento passou até chegar à definição de conjunção coordenativa adversativa na tradição gramatical pode ser um caminho revelador.

As questões que deram norte a esta pesquisa são: O que influenciou a categoria *porém* na mudança de função e sentido? Essa categoria encaixa-se em alguma outra classificação? Se tal item classifica-se, conforme as postulações normativas, como conjunção adversativa assim como a conjunção *mas* (Cf. BECHARA, 2009), o que justifica o fato de o termo *porém* não ser utilizado comumente na fala⁵?

³ A linguística conceitua como classes pelas quais se expressam (em relação aos nomes) as noções de gênero, número, grau, caso; categorias gramaticais. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/categoria/>. Acessado em: 20/09/2017.

⁴ Advérbios que sofreram mudanças sintático-semântico ao longo do tempo e passaram a exercer um uso conjuncional adversativo (advérbio > conjunção) devido ao contexto. SILVA, Tatiana Mazza. A constituição do advérbio juntivo adversativo *todavia* na história do Português. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg08_artigo_2.pdf. Acesso em: 20/06/2017.

⁵ De acordo com Silva (2009), o item linguístico *porém* apresenta características lógico-argumentativas, o que provavelmente pode explicar a razão desse item ser considerado rebuscado e ser utilizado mais na escrita do que na oralidade. No entanto, não foi possível realizar uma pesquisa quantitativa neste trabalho para comprovar tal afirmação.

Com base em tais questionamentos, a vigente pesquisa tem como objetivo geral investigar o que influenciou as gramáticas tradicionais a classificarem a categoria *porém* como conjunção adversativa. Especificamente, pretendeu-se apresentar um percurso evolutivo da língua para analisar as prováveis mudanças sofridas pelo item linguístico *porém*; inquirir como os postulados dos estudos diacrônicos explicam tais mudanças e analisar como as mudanças sintático-morfológicas influenciaram no sentido e funcionamento desta categoria.

A presente pesquisa baseou-se tanto em gramáticas quanto em textos de descrição linguística, dos quais: Antunes (2006); Barros (1986); Basso (2013); Bechara (2009); Carvalho (2012); Gonçalves (2007); Jaime (2015); Mateus (2003); Oliveira, D. (2010); Oliveira M. (2010); Rocha e Lopes (2009) e Said Ali (1964).

Na primeira seção deste trabalho são expostas algumas considerações acerca das conjunções adversativas do português e se faz um percurso histórico do elemento *porém* a fim de mostrar sua evolução. Em seguida, na segunda seção, apresenta-se a oposição entre coordenação e subordinação, confirmando que a conjunção é o termo fundamental nesses dois tipos de orações. Ademais, demonstra-se a diferença entre conector e conjunção, invalidando o uso desses dois termos como sinônimos e, por fim, na seção de metodologia se apresenta o método adotado e o objeto de análise.

1. Trajeto histórico-evolutivo de *porém*

Após a constituição da Linguística como ciência, o foco de análise passou a ser o aspecto diacrônico e a evolução da língua, a esse estudo denominou-se Gramática Comparada, que consistia em comparar duas ou mais línguas para deduzir princípios gerais da evolução histórica das unidades lexicais, gramaticais e sonoras. (Cf. JAIME, 2015). Dessa forma, os estudos linguísticos centraram-se na evolução diacrônica da língua – cujo foco direciona-se para um período de tempo sobre o qual se deseja observar os fenômenos de mudança e as alterações linguísticas daí decorrentes –, e não mais como a língua funciona.

Em vista disso, a partir dos estudos da Gramática Comparada, possibilitou-se conhecer as modificações por quais a Língua Portuguesa passou, tanto em sua história interna quanto externa para se constituir como tal. Os fatores extralinguísticos do português e de todas as línguas românicas foram os motivos fundamentais para essas alterações, dentre elas estão: a herança de uma grande parte do vocabulário advindo do latim vulgar; assim como também a perda da quantidade de fonemas no sistema vocálico;

redução das declinações e dos casos; a transformação no quadro das conjunções, bem como outras transformações linguísticas. Silva (1996, p.15 *apud* ANTUNES, 2006) confirma que essas mudanças se iniciaram no português arcaico, que decorreu do século XIII ao XV, época referente ao período medieval, fato que justifica a denominação de português arcaico ou medieval.

Desse modo, segundo Antunes (2006), é necessário investigar a origem das conjunções da língua portuguesa, apesar de ser uma tarefa difícil, visto que as línguas românicas são provenientes do latim vulgar, por isso há desprovimento de fontes escritas e a não existência de fontes faladas. Para a autora, nenhuma das adversativas remonta ao latim a função de conjunção, mesmo que “*magis*, já no latim, se encontrasse como advérbio, em contextos típicos de contrajunção”, pois *magis* é um advérbio latino que deu origem à conjunção *mas*. Diferente de *porém* e das outras conjunções – *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto* – que não apresentou em sua forma etimológica um pronome, fator este que, segundo a autora, traz um ponto em comum entre as conjunções citadas, à exceção de *mas*.

De acordo com os estudos de Barreto (1999 *apud* ANTUNES 2006, p.26), o item linguístico *porém* originou-se da preposição latina *per* + *em*, forma apocopada⁶ do advérbio latino *ende*, logo provém de sintagmas preposicionais. O elemento também apresenta um pronome em sua constituição original: *em* (<*ende*). Gonçalves *et al* (2007) e Carvalho (2012) constatam que no português arcaico utilizava-se a locução prepositiva *porende* e a forma abreviada *poren*, as duas associam-se ao advérbio latino *proinde* (<*per inde*), o sintagma circunstancial manteve o sentido de explicação/conclusão: *por causa disso*, *por isso*, cujos sentidos eram comuns ao longo do português arcaico. A preferência de uso ficou sob o termo mais curto (*poren*); pois, *porende* era uma forma extremamente arcaica e acabou por desaparecer, tanto que não é conhecida no português contemporâneo.

Ademais, o item linguístico sofreu mudanças de sentido e deixou de estabelecer, aos poucos, relações semânticas de explicação e conclusão. (Cf. ALI, 1964 *apud* GONÇALVES *et al* 2007, p.99).

Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notável transformação semântica. Em vez de significar ‘por isso’ ‘por essa razão’ passa a dizer o mesmo que ‘mas’, ‘apesar disso’, ‘contudo’. Deixa de

⁶Metaplasmo de subtração. É o fenômeno que explica o desaparecimento do fonema no fim da palavra. ARAÚJO, Rui Magalhães de. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/ii/completos/palestras/ruymagalhaesdearaujo.pdf> Acesso em: 28/11/2016.

expressar a noção de causa determinante de certo ato, para denotar oposição de ideias ou pensamentos. O primitivo advérbio transmuda-se em conjunção adversativa. Ponto de contacto entre situações diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica. (ALI, 1964, P. 87 *apud* BARROS, 1986)

De acordo com Nunes (1980 *apud* BARROS, 1986, p. 102) os advérbios e as conjunções serviram para criar novas palavras com o intuito de compensar a perda das conjunções latinas. Já Dias (1979Op., cit., p. 102) declara sobre essa alteração semântica que “*Porém* é adversativa mais frouxa do que *mas*”. No português arcaico medieval *porém* tinha valor semântico de advérbio, significando *todavia* e *contudo*, ou seja, coincidia com o sentido apresentado pelas adversativas, mas no português arcaico que designava *por ende*, cujo sentido exprime sentido de *por isso* e *portanto*. Assim, Machado (1977 op., cit., p.102-103) declara que *porém* tinha sentido inicial de *por isso* (por + en ou ende).

Gonçalves *et al* (2007, p. 100) apresenta amostras do século XIII ao XVI que indicam três usos do *porém* e de suas três variantes: *porende*, *porem*, *porẽ*. Nos exemplos do século XIII *porém* exprime o valor de explicação/conclusão – dois dos usos são adverbiais e um é conjuncional –, logo não há sinais de valor adversativo de *poren*, o que confronta a conclusão de Barros (1986). Conforme Gonçalves *et al* (2007, p. 101), a língua estabelecia as partículas *mas*, *ante* e *pero* para indicar adversidade. No primeiro exemplo, *porém* depende da oração que exprime causa/explicação em relação a oração que se associa, reiterando o que foi dito.

- (1) (...) e porque i é onrra de nos e de nossos reynos, **porẽ** queremos mostrar como se guarden por todo tempo as cousas das eygreyas (13FR:134) [e porque aqui está nossa honra e de nossos reinos, **por isso** queremos mostrar como se guardam por todo tempo as coisas da igreja] (GONÇALVES *et all* (2007), p. 100)

O exemplo seguinte refere-se ao uso conjuncional, no qual as variantes *poren~porende* associam elementos gramaticais independentes, posicionam-se no início e fazem referência ao que será dito antes, a fim de iniciar a frase com sentido de explicação e/ou conclusão.

- (2) Todo saber esquiua nõ saber, ca é escripto que quẽ nõ quis entender nõ quis bem fazer. **Porẽ** estabelecemos que nenguu nõ pensse de mal fazer porque diga ca nõ sabe as leys nen dereyto. Qua se fazer contra aley non se pode escusar de culpa por nõ saber a ley (13FR:140) [Todo saber afaste o não-saber, pois está escrito que quem não quis entender não quis fazer bem. **Por isso/portanto** estabelecemos que ninguém pense em fazer mal porque diz que não sabe as leis nem o direito]. (Op., Cit., p. 101)

No século XIV o elemento *poren* se manteve com sentido de explicação-conclusão, entretanto, em uma circunstância diferente, descobriu-se que o elemento passou a apresentar uma leitura mútua de dois tipos de construções, no caso uma construção causal/explicativa e outra concessiva. Portanto, o elemento apresenta duplo sentido, uma vez sendo “por isso” e em outra “apesar disso”. Gonçalves *et al* (2007, p. 101) infere que esse valor contrastivo, caracterizado por construções concessivas, aliado à negação foi o que motivou *poren* a exercer valor adversativo. Como é possível perceber no exemplo abaixo:

- (3) E disse-lhe o tirano que, se nō cessasse de chamar o nome de Jhesu, que lhe mādaria talhar a língua, edise-lhe Sancto Ignácio: Posto que me talhes a língua, nō cessarey **poren** de chamar o nome de Jhesu, porque o tenho scripto emno meu coraçom (14OE:10) [E disse-lhe o tirano que se não parasse de chamar o nome de Jesus, que mandaria cortar-lhe a língua, e disse-lhe Santo Inácio: ainda que me cortes a língua, não pararei **por isso/apesar disso** de chamar o nome de Jesus]. (Op., Cit., p. 101)

No século XVI, *porende* havia sido extinto, o que prevaleceu foi a forma *poren*. Assim, o valor adversativo fortaleceu-se e ficou semelhante a uma conjunção coordenativa adversativa. Como está exemplificado abaixo:

- (4) No tempo dos ponentes he muy quieto e abrigado **porém** nos dos leuantes disem que he sogeito a grandes mares por onde neste tempo seraa melhor surgir ao longo do lado daloeste (16MNS:327) [No tempo dos poentes é muito quieto e protegido, **mas** nos dos nascentes dizem que está sujeito a grandes mares]. (Op., Cit., p. 102)

Mesmo que o valor adversativo tenha sido estabelecido de forma tardia, foi possível manter o caráter etimológico da categoria *porém* de maneira constante. Entretanto, apresentou-se uma diferença entre a constituição de advérbio e conjunção.

2 Características sintático-morfológicas do elemento *porém*

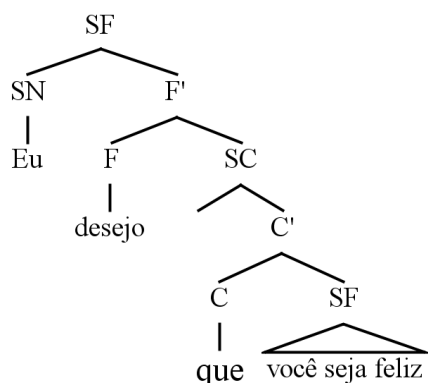
Nesta seção, mostrar-se-á no primeiro tópico uma explanação do conceito de conjunção a partir das postulações normativas e linguísticas a fim de explicá-las, compará-las e contrastá-las entre si. Em seguida, apresentar-se-á a distinção entre conjunção e conector, pois as diferenças entre tais elementos não são esclarecidas em relação à semântica dos estudos gramaticais, visto que ambos relacionam elementos em estruturas coordenadas; e também sobre os conectores que desempenham relações entre termos, classificados como conjunção coordenada.

2.1 Definindo conjunção

Para a tradição gramatical classifica-se conjunção, segundo Said Ali (1964), como “palavra ou locução que se costuma pôr no princípio de uma oração relacionada com outra, a fim de mostrar a natureza da relação.” (p. 103). Já Bechara (2009) conceitua as conjunções como unidades que ligam orações em uma mesma proposição. Para ambos os autores, tais elementos se segmentam em duas classes: coordenativas e subordinativas.

A conjunção é a responsável semântica por introduzir a clássica dicotomia coordenação e subordinação. Segundo Bechara (op., cit.), as conjunções que coordenam são independentes, pois aparecem de forma autônoma nos enunciados e não realizam função sintática umas em relação às outras. Já as conjunções que subordinam apresentam papel bem distinto das coordenadas, isto é, são dependentes. É possível observar tal diferença nos exemplos a seguir:

- (5) Eu desejo **que** você seja feliz.⁷

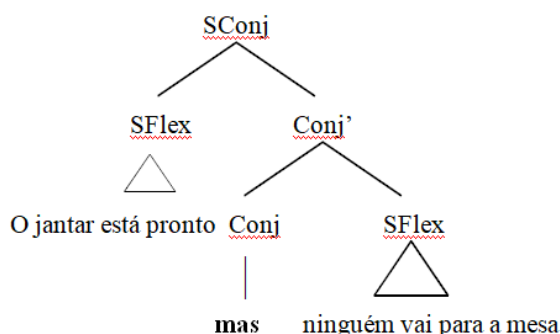


No exemplo (5) a oração principal *Eu desejo* seleciona como seu complemento a encaixada *que você seja feliz*, introduzida pela conjunção subordinativa – *que*. Nessa relação se estabelece uma dependência sintático-semântica em que a oração encaixada funciona como complemento – objeto direto do verbo *desejar* –, que, por ser transitivo, subcategoriza um sintagma complementizador cujo núcleo é a conjunção *que*. Logo, tem-se uma oração subordinada. Todo o período, então, é composto por duas orações dependentes sintaticamente, já que a segunda é subcategorizada como complemento sintático da primeira.

⁷ Exemplo retirado de OLIVEIRA (2010), renumerado.

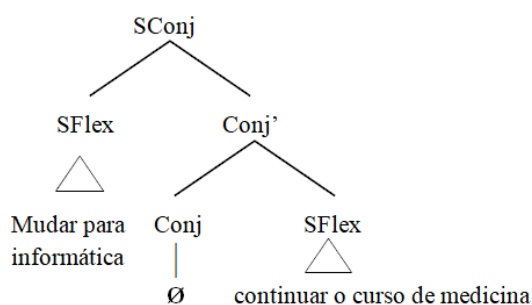
O estatuto sintático distinto entre as conjunções *que* e *mas* fica evidente em (6), em que a relação entre as orações é de coordenação. Nesse caso, a conjunção coordenativa é responsável por unir duas orações categorialmente independentes, estabelecendo entre elas uma relação de oposição/adversidade:

(6) O jantar está pronto **mas** ninguém vai para a mesa.⁸



Ao comparar os períodos compostos por orações coordenadas em (6) e (7), presente logo abaixo, há também distinções entre elas. A literatura classifica (6) como um caso de coordenação sindética, visto que o núcleo da oração é a conjunção *mas*. Já no exemplo (7) a oração é assindética, pois apresenta um núcleo vazio. Ademais, segundo Mateus et al (2003, p. 562) “a coordenação assindética é utilizada especialmente nas enumerações, ou seja, nos casos em que mais de dois ou três elementos são coordenados”.

(7) Mudar para informática, continuar o curso de medicina são, entre outras, alternativas que a Ana constantemente equaciona.⁹



⁸ Exemplo retirado de Mateus *et al* (2003), p. 560, renumerado.

⁹ Exemplo retirado de Mateus *et al* (2003) p. 562, renumerado.

Bechara (2009) classifica os conectores em três tipos: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*. As conjunções coordenadas *aditivas* relacionam vocábulos, orações, enunciados e outros elementos que exprimem adição entre si, elas são representadas por dois conectores – *e* (expressa adição de elementos positivos) e *nem* (expressa adição de elementos negativos). As *alternativas* relacionam orações, conforme o nome indica, com sentido de alternância e/ou escolha. A conjunção alternativa superior é *ou*, seja ele sozinho ou duplicado. Por fim, as conjunções *adversativas* relacionam enunciados, frases e orações, apresentando contraste e/ou oposição entre elas. Os conectivos adversativos por excelência são *mas*, *senão* e *porém*.

Said Ali (1964), por sua vez, classifica as conjunções coordenativas em cinco tipos: *copulativas*, *adversativas*, *disjuntivas*, *conclusivas* e parte das *causais*. Já as conjunções subordinadas englobam todas as outras conjunções.

As orações *copulativas* correspondem às orações aditivas caracterizadas por Bechara (2009). Segundo Said Ali (1964), elas representam eventos concomitantes e/ou consecutivos a outros. São representadas também pela conjunção *e* ou *nem*. As conjunções *adversativas* apresentam contraste e/ou restrição a um evento, ou até mesmo a consequência de um fato. São representadas pelas conjunções *mas* e *porém*. As conjunções *disjuntivas* equivalem as conjunções alternativas, elas apresentam contrastes de ideias e indicam que ao passo que se cumpre um evento, outro não será cumprido. Também podem designar a consequência de um evento que não foi cumprido na oração anterior, por exemplo: *Ou os meninos se decidem a estudar, ou o mestre os punirá*¹⁰. Esse tipo de conjunção é representado pelo termo *ou... ou...*

As conjunções coordenativas causais exprimem “razão de uma asserção, pedido, exortação ou desejo.” (ALI, 1964, p. 156). A conjunção causal por excelência é *porque*, podendo ser substituída, conforme o sentido, pelas conjunções *porquanto*, *pois*, *por isso que* ou *que*. Já as conjunções *conclusivas* apresentam “a sequência lógica da proposição que precede.” (ALI, 1964, p. 156). São indicadas pelas conjunções *logo*, *portanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *por consequência*.

Segundo Mateus *et al* (2003) o processo de coordenação e subordinação forma-se a partir de unidades complexas que associa elementos em um mesmo nível gramatical, da mesma forma que defende Bechara (2009). Os elementos da coordenação são representados por sintagmas ou frases e exercem funções sintáticas e semânticas iguais.

¹⁰ Exemplo retirado de Said Ali (1964), p. 156, renumerados.

Há alguns fatores que distinguem sintaticamente os dois processos. O primeiro deles encontra-se no tipo de funcionamento de cada uma, visto que a subordinação ocorre por meio de unidades oracionais frásicas; já a coordenação abrange grupos sintáticos, como o sintagma preposicional e sintagma nominal, por exemplo.

O segundo fator encontra-se no desempenho de cada uma, pois na oração subordinada o termo subordinado admite constantemente uma função sintática, como: sujeito, complemento, objeto, entre outras e uma função temática. No caso da coordenação isso não ocorre, pois o membro que coordena não recebe a função de sujeito e o termo coordenado não recebe a função de complemento ou adjunto, ambos são equivalentes tanto na função sintática quanto na semântica.

O terceiro fator é a mobilidade dos elementos que compõem tais processos. Os termos coordenados apresentam poucas opções de locomoção no enunciado, já os termos subordinados permitem tal transposição. Como é possível perceber, a mudança na ordem do enunciado da frase (8a) - (8b) não modificou a compreensão e o sentido. Diferentemente do que se observa nas frases (9a) - (9b) e (10a) - (10b).

- (8) a. Ele só confessou que detestava cozinhar à Maria.¹¹
 b. Que detestava cozinhar, ele só confessou à Maria.

- (9) a. Eles partiram para o Algarve mas não foram de férias.¹²
 b. Mas não foram de férias, eles partiram para o Algarve.

- (10) a. Ele levou a criança não só ao restaurante como ao cinema¹³
 b. Ele levou a criança como ao cinema, não só ao restaurante.

A mobilidade do enunciado torna os exemplos acima incompreensíveis do ponto de vista semântico e gramatical. Pois, segundo a autora,

Quando os termos coordenados não são nem semanticamente simétricos, nem formalmente independentes um do outro, estas manipulações não são possíveis, ou porque produzem resultados pragmaticamente anômalos ou porque determinam construções mal-formadas. (MATEUS *et al*, 2003, p. 554)

Logo, a partir das conclusões de Mateus *et al* (2003), percebe-se que as diferenças entre os termos que coordenam e os que subordinam não se trata de uma estruturação semântica, mas sim formal. As construções coordenadas podem vir ou não

¹¹ Exemplo retirado de Mateus *et all* (2003), p. 553, renumerados.

¹² Exemplo retirado de Mateus *et all* (2003), p. 553, renumerados.

¹³ Exemplo retirado de Mateus *et all* (2003), p. 553, renumerados.

acompanhadas por conjunções coordenativas. Dessa forma, Mateus *et al* (2003), classifica-as de duas maneiras: *coordenada sindética* e *coordenada assindética*. As proposições coordenadas que vêm introduzidas por conjunção denominam-se *coordenada sindética*. Em contrapartida, quando a conjunção é omitida denomina-se *coordenada assindética*. A autora confirma por meio de exemplos¹⁴ tais postulações. A coordenação assindética geralmente enumera elementos, como é possível observar nas frases abaixo.

- (11) A Ana trouxe do supermercado tudo o que a mãe lhe encomendara: dois pacotes de leite, um chocolate, bolachas sortidas, uma pasta dentífrica.

No caso da coordenação sindética, quando mais de dois elementos são associados pelo mesmo item coordenativo, a conjunção pode ligar-se somente ao último elemento. Entretanto, este processo não ocorre com todas as conjunções. Tal procedimento ocorre, principalmente, com a conjunção *e*, mas também ocorre com a conjunção *ou*. É possível observar tal explanação nos exemplos¹⁵ a seguir:

- (12) O João, a Maria e o Pedro nasceram no mesmo ano.
 (13) Não sei se ofereço este livro ao meu irmão, à minha irmã, à minha mãe, ou ao meu pai.

2.2 Conectores de coordenação e nexos coordenativos

Conector e conjunção são utilizados comumente como sinônimos, haja vista que ambos exercem a função semântica de ligar e/ou relacionar um termo a outro. Entretanto, há importantes diferenças formais que não são esclarecidas pelos estudos gramaticais. Mateus *et al* (2003) acentua que por mais que as conjunções possam ser caracterizadas como uma subdivisão de conectores, elas não podem ser classificadas de forma geral como conjunções, pois será entendida como um elemento que relaciona termos de uma proposição.

As conjunções coordenativas são denominadas de simples ou correlativas, e geralmente são categorizadas de acordo com a ligação semântica que veiculam. Há três grupos de conjunção: copulativas, disjuntivas e contrajuntivas¹⁶. As conjunções copulativas exercem valor de adição, são conjunções simples, representadas por *e* e a

¹⁴ Exemplos retirado de Mateus *et al* (2003), p.562, renumerados.

¹⁵ Exemplos retirado de Mateus *et al* (2003), p.563, renumerados.

¹⁶ Mateus *et al* (2003), p. 566.

negativa *nem*. Já as conjunções disjuntivas que permitem a opção de escolha entre os termos, referem-se às conjunções coordenadas alternativas, cuja conjunção por excelência é *ou*.

E, por fim, as conjunções contrajuntivas referentes às coordenadas adversativas, que exprimem valor de oposição, têm como representante a conjunção *mas*. Os termos *porém*, *todavia* e *contudo* não pertencem à classe de conjunções mesmo que sejam classificadas dessa forma pela gramática normativa; pois, de acordo com Mateus *et al* (2003, p. 566), “o seu comportamento afasta-as das conjunções, o que nos leva a incluí-las nos conectores não-conjuncionais”.

A autora confirma que há elementos que estabelecem relação entre termos e, por causa disso, são classificados tradicionalmente como conjunção coordenativa, opondo-se às conjunções subordinativas, chamadas também de complementadores. Portanto, tais elementos fazem parte de uma classe mais abrangente do que as conjunções, a dos conectores. Há três tipos de conectores que exercem uma função além das conjunções. São eles: conectores contrastivos, explicativos e conclusivos.

No entanto, visto que o foco do trabalho é sob a categoria *porém*, os critérios aplicados serão analisados somente com os conectores não conjuncionais contrastivos, os quais exercem um contraste entre os constituintes coordenados, são eles: *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*. Esses conectores apresentam relações semânticas em comum com as conjunções coordenativas.

Com o intuito de confirmar que esses conectores não se encaixam na classe de conjunção, Mateus *et al* (2003, p. 569) esclarece, por meio das propriedades formais das conjunções de coordenação, tal exclusão:

- (i) ocupam a posição inicial do membro coordenado;
 - (ii) não podem deslocar-se no interior do termo coordenado;
 - (iii) não podem concorrer para uma mesma posição estrutural – a de núcleo da estrutura coordenada;
 - (iv) coordenam constituintes frásicos e não frásicos;
 - (v) podem co-ocorrer com complementadores quando coordenam as frases subordinadas por eles iniciadas.
- (MATEUS *et al*, 2003, P. 569)

Esses conectores são classificados pela tradição gramatical como conjunções coordenadas adversativas, entretanto será possível esclarecer que conectores e conjunção apresentam diferenças importantes. Não há a obrigatoriedade de posicioná-los no início

da oração coordenada, pois é permitido alterar a posição deles na frase sem modificar a compreensão. Como nos exemplos abaixo:

- (14) a) Ela está cansada, porém os trabalhos em curso impedem-na de ir já para férias.¹⁷
 b) Ela está cansada, os trabalhos em curso impedem-na, porém, de ir já para férias.¹⁸
 c) Ela está cansada, os trabalhos em curso impedem-na de ir já para férias, porém.¹⁹

Os conectores contrastivos ocorrem de forma simultânea com as conjunções, desde que haja sentido.

- (15) Ela está cansada, e, porém não pode ir já para férias.²⁰

Também podem surgir no interior de uma oração subordinada sem coordenar nenhum elemento.

- (16) Apesar de reconhecerem a debilidade económica do país, os investigadores acham que governo lhes devia, porém, oferecer melhores condições de trabalho.²¹

No exemplo acima, Mateus *et al* (2003, p. 571) constata que a oposição ocorre entre o sentido da frase adverbial concessiva “Apesar de reconhecerem a debilidade económica do país” e o da oração principal “que o governo lhes devia oferecer melhores condições de trabalho”. Desse modo, o conectivo contrastivo *porém* não coordena nenhum elemento da oração. À vista disso, a autora conclui que os conectores contrastivos não devem ser categorizados como conjunção coordenada adversativa, mas sim como advérbio com valor de contraste. Portanto, a partir dessas observações é possível verificar que a categoria *porém* ainda apresenta traços da sua fonte adverbial ao co-ocorrer com outras conjunções.

Os conectores contrastivos assemelham-se aos advérbios modalizadores²² – *felizmente/infelizmente, talvez, realmente, provavelmente*, entre outros – em razão de não se relacionarem ao conteúdo principal de uma sentença, mas ao atuar sobre esse conteúdo apresentando um ponto de vista, por exemplo. É possível perceber esse fato no exemplo

¹⁷ Exemplo retirado de Mateus *et al* (2003), p. 571, renumerados.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*.

²¹ Retirado de Mateus *et al* (2003), p. 571, renumerados.

²² Rocha e Lopes (2009), p. 19.

(17), em que o advérbio *infelizmente* evidencia o ponto de vista do falante em relação a uma atitude que ele tomou, no caso, fazer um empréstimo.

(17) então *infelizmente* este ano eu tive que fazer um empréstimo para pagar os doze mil.²³

Rocha e Lopes (2003, p. 20) mostram que o posicionamento dos adjuntos são determinados a partir da função que exercem. Há três tipos: os sentenciais – representados por SCs e sentenças finitas e infinitas introduzidas por preposições; os preposicionais e os adverbiais. Os adjuntos sentenciais e os preposicionais podem ocupar a posição inicial e/ou final. No caso dos advérbios a posição pode variar de acordo com o tipo de adjunto adverbial, os quais são: os aspectuais, temporais, modalizadores e os operadores de foco (focalizadores, intensificadores e os de inclusão/exclusão).

No entanto, o foco centra-se nos adjuntos adverbiais modalizadores. Esses adjuntos podem ocupar posição tanto antes e depois de verbos quanto entre dois verbos. As autoras afirmam que são utilizados preferencialmente na posição pré-verbal, pois assim é possível conformizá-los com categorias modais, como os verbos modais.

(18) Então *infelizmente* esse ano eu tive que fazer um outro empréstimo para pagar os doze mil.²⁴

Além disso, Rocha e Lopes (2009, p. 23) explicam que os advérbios modalizadores podem ser orientados em uma proposição para um sujeito ou para um falante. A maneira para identificar o direcionamento desse uso está na paráfrase. Ou seja, ao parafrasear uma proposição em que o advérbio orienta-se para o falante é necessário ter uma sentença encaixada.

(19) a. *Evidentemente*, Maria está nos evitando.²⁵
 b. É evidente que Maria está nos evitando.

Quando a proposição apresenta o advérbio orientado para o sujeito ao parafraseá-lo assume função de adjetivo.

(20) a. *Cuidadosamente*, João colocou o leite no copo.
 b. João foi cuidadoso ao colocar o leite no copo.

²³ Retirado de Rocha e Lopes (2009), p. 19, renumerado.

²⁴ Retirado de Rocha e Lopes (2009), p. 23, renumerado.

²⁵ Exemplos (19) e (20) foram retirados de Rocha e Lopes (2009), p. 23, renumerados.

3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa caracteriza-se por ser de natureza quantitativa, que, conforme Fonseca (2002, p. 20 *apud* GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 33), explica o motivo das coisas submetendo-se à comprovação de fatos, pois centra-se na objetividade. Esse tipo de pesquisa “só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.”.

O trabalho desenvolveu-se da seguinte forma:

1. Seleção da bibliografia para escolher, sustentar, complementar e reforçar o objetivo desta pesquisa, os quais são: Bechara (2009), Gonçalves *et al* (2007), Mateus *et al* (2003), Oliveira (2010), Rocha e Lopes (2009) e Said Ali (1964).

2. Definição do *corpus*, que, segundo Bauer e Aarts (2002), compõe-se pelos materiais que constatarem as fontes relevantes para que o pesquisador fundamente o seu texto, adequando-o ao caráter científico necessário à pesquisa, as quais foram embasadas por: Antunes (2006), Barros (1986), Carvalho (2012), Jaime (2015), Oliveira (2010), Silva (2009).

3.1 Análise dos dados

A partir da explanação feita neste trabalho sobre a categoria *porém*, pretende-se analisar textos produzidos no século XIX, os quais são anúncios de diversos jornais brasileiros publicados durante o referido século. O objetivo desta análise é verificar se o uso de *porém* encontra-se de acordo com as postulações normativas da língua. Para realizar tal pesquisa, foi levado em consideração as propriedades que diferem conjunções e conectores (MATEUS *et al*, 2003), o valor semântico, ou seja, se o *porém* apresenta sentido explicativo-conclusivo, adversativo ou sentido ambíguo; e as considerações de Rocha e Lopes (2003) sobre adjuntos adverbiais modalizadores, a fim de mostrar a semelhança do *porém* com esses advérbios.

Em 11 de novembro de 1886, publicou-se no jornal *O Guarany* a fuga de uma menina, cuja idade deveria ser entre 16 e 18 anos. Ela fugiu do hospício das Irmãs Hospitaleiras e foi encontrada na rua vomitando sangue, pois tinha caído de peito no chão ao pular o muro do local. As pessoas que a viram gritavam por ajuda, então algumas irmãs

e outras pessoas que residiam e trabalhavam no hospício saíram para ajudar e levaram-na de volta.

(21) Imagine-se que hospitalidade tão christã e humana é a das irmãs chamadas hospitaleiras! Illudindo a vigilancia de argus de habito, a infeliz enclausurada poude trepar ao muro e atirou-se á estrada. Tão infelizmente o fez, **porém** que bateo com peito no chão e começou logo a deitar sangue pela boca. A gente que correu aos gritos afflictivos da desditosa menina, movida pelo impulso de boas almas tratou de a socorrer. Abriu-se, **porém**, a porta principal do hospicio e sahiram algumas irmãs hospitaleiras, um padre, um hortelão e mais um agente jesuitico, civil, que habita no antro. (BERLINK E GUEDES, 2000, P. 37)

Levando em consideração o valor semântico da categoria *porém* no trecho “Tão infelizmente o fez, *porém* que bateo com peito no chão e começou logo a deitar sangue pela boca.”, verifica-se que apresenta valor contrastivo entre os constituintes coordenados, pois mesmo que a moça tenha conseguido fugir, ainda se bateu a ponto de sangrar pela boca.

A partir das propriedades formais de conjunção, confirma-se que o *porém* apresenta comportamento sintático de conectivo conforme descrito por Mateus *et al* (2003), pois é concebível alterar o posicionamento na frase sem interferir na compreensão. Como se pode observar:

- (a) *Porém*, tão infelizmente o fez, que bateo com peito no chão e começou logo a deitar sangue pela boca.
- (b) Tão infelizmente o fez, que bateo com peito no chão e, *porém*, começou logo a deitar sangue pela boca.
- (c) Tão infelizmente o fez, que bateo com peito no chão e começou logo a deitar sangue pela boca, *porém*.

Ao demonstrar o deslocamento de *porém* na frase, percebe-se que o elemento co-ocorre com a conjunção *e*, na letra (b). Dessa forma, confirma-se que desde que haja sentido, os conectores contrastivos podem acompanhar de forma simultânea outra conjunção.

Já no trecho “Abriu-se, *porém*, a porta principal do hospício e sahiram algumas irmãs hospitaleiras, um padre, um hortelão e mais um agente jesuítico, civil, que habita no antro.”, a categoria *porém* não exprime valor de adversidade, pois não apresenta ideia de contraste.

No entanto, é possível perceber um valor semântico de conclusão ao substituir *porém* por *assim*, pois não há alteração de sentido. Como em: “Abriu-se, assim, a porta principal do hospício e sahiram algumas irmãs hospitaleiras, um padre, um hortelão e mais um agente jesuitico, civil, que habita no antro”. O trecho indica o efeito causado pela agitação das pessoas ao pedir ajuda, pois de acordo com Mateus *et al* (2003, p. 569) os conectores conclusivos “exercem relação de causa-efeito entre os termos da oração. O

termo que constitui o conector exerce a causa e o outro termo reportará o efeito ou consequência da situação.”.

Em relação às propriedades formais de conjunção há apenas uma possibilidade de alteração sem interferir no sentido, como: “Abriu-se a porta principal do hospício e, *porém*, sahiram algumas irmãs hospitaleiras, um padre, um hortelão e mais um agente jesuitico, civil, que habita no antro”. Além disso, *porém* co-ocorre junto com outra conjunção apresentando sentido válido.

Em 16 de fevereiro de 1889, publicou-se no jornal *Correio de Notícias* que os proprietários da antiga fábrica de cigarros de São Domingos, cuja sede localizava-se no Rio de Janeiro e a filial na Bahia, passaram a colocar data em seus produtos desde do dia 2 de janeiro de 1899; pois a qualidade dos cigarros em geral estavam comprometidas, e para deixar os consumidores informados resolveram tomar esta iniciativa. Além disso, para confirmar se o produto era desta fábrica, os donos solicitaram no anúncio que as pessoas observassem se na caixa do cigarro havia uma assinatura perfurada com as iniciais L. & A., referente aos nomes Leite & Alves.

(22) No intuito de evita-los e evitar tambem que os nossos inumeros consumidores sejam illudidos com productos de má qualidade, temos, nesta data, admittido nos rotulos dos nossos cigarros um sinete perfurado com as iniciaes L. & A. em systema vertical, guarnecidas por duas linhas tambem perfuradas e verticaes. Por este meio, **porem** cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros. (BERLINK E GUEDES, 2000, P. 45)

No trecho “Por este meio, *porem* cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros” o elemento *porém* apresenta duplo sentido, pois expressa valor conclusivo, pois pode ser substituído pela expressão *portanto* sem alterar o sentido, como em: “Por este meio, portanto cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros”. Dessa forma, entende-se que os donos da fábrica de cigarro constataram que as iniciais perfuradas distinguiriam os cigarros dos outros que tinham má qualidade.

Ademais, apresenta também valor causal-explicativo, visto que enfatiza uma explicação que segue a expressão ‘por este meio’. Além disso, há a possibilidade de substituir pelo termo *pois*, sem alterar o sentido. Como é possível observar em: “Por este meio, pois cremos melhor tornar conhecidos os rótulos dos nossos verdadeiros cigarros”. Segundo Mateus (Op., cit. 569), os conectores explicativos “estabelecem uma relação de efeito-causa entre dois elementos de natureza oracional, sendo a função de causa atribuída à oração encabeçada pelo conector.”.

Também, *porém* poderia ser substituído pelo advérbio modalizador *provavelmente*, pois apresenta a opinião dos fabricantes (falante) em relação às iniciais gravadas na caixa de cigarro. Como em: “Por este meio, *provavelmente* cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros”. Dessa forma, depreende-se que o motivo de ter colocado data e as iniciais sirva, provavelmente, para distinguir os cigarros deles dos cigarros que não têm uma boa qualidade.

Em relação às propriedades formais de conjunção, é possível alterar a posição do conector sem que haja mudança de sentido.

- (a) *Porém*, por este meio cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros.
- (b) Por este meio cremos melhor tornar conhecidos os rotulos dos nossos verdadeiros cigarros, *porém*.

Logo, foi possível comprovar que há relação entre a categoria *porém* e os advérbios modalizadores, os quais também posicionam-se antes e depois de verbos, como nos excerto analisados. Dessa forma, concluiu-se que o uso de *porém* nos exemplos citados confirma que o elemento é um conector e ainda mantém traços de sua fonte adverbial, assim como constatou Gonçalves *et al* (2007, p. 102) ao analisar textos do século XIII ao XVI. Entretanto, tal constatação diverge-se da classificação adotada pela gramática tradicional, que o define como conjunção coordenada adversativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, fez-se um percurso histórico para investigar quais foram as influências que os estudiosos normativos da língua levaram em consideração para classificar a categoria *porém* como conjunção adversativa. A análise possibilitou compreender que o fator inicial na mudança da função e do sentido foi o fato de o item *porém* ser utilizado em frases negativas, associar elementos gramaticais no início de frases e se referir a algo que foi dito anteriormente.

Verificou-se que *porém*, apesar de relacionar termos, não se classifica como conjunção, mas como conector não conjuncional contrastivo, o qual exerce um contraste entre os constituintes coordenados assim como as conjunções. Entretanto, não corresponde às propriedades formais que um elemento precisa exercer para ser classificado como conjunção.

Além disso, *porém*, ao co-ocorrer com outras conjunções, não coordena nenhum elemento da oração, mas flutua sem interferir em nenhum termo da sentença. Desse modo,

percebeu-se, a partir de estudos linguísticos, que há casos em que a categoria apresenta valor contrastivo, mas funcionando como advérbio. Dessa forma, é possível compará-lo com os advérbios modalizadores que atuam em uma sentença para enfatizar algum conteúdo.

O *corpus* da pesquisa foi analisado a partir de três critérios: valor semântico; propriedades formais de conjunção e as ponderações sobre adjuntos adverbiais modalizadores. Por meio desses recursos foi possível constatar que o *porém* mantém a influência de sua fonte adverbial, mas que também apresenta duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que exprimiu valor adversativo, apresentou sentido explicativo-conclusivo. Portanto, ainda que confirme a classificação adotada pela gramática normativa, o *porém* continua transitando entre as categorias de advérbio e conjunção, por isso os estudos descritivos o conceituam como advérbio juntivo.

Além de contribuir para estudos mais amplos sobre o tema, o trabalho também apresenta informações interessantes para professores e estudiosos da área, visto que é de extrema importância para professores de Língua Portuguesa conhecer o mínimo que seja sobre a história dessa língua, que é rica e complexa. E, assim, será possível que atuantes dessa área compreendam as mudanças da língua para que possam associá-las aos diferentes dialetos, variações e gramáticas, pois, por mais haja um modelo composto por normas que orientam os falantes a falar e escrever bem, é necessário considerar todos os tipos de gramática.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ana Paula. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. 128 f; 30 cm.
- BARROS, Clara Araújo. *Porém: Um caso de deriva conclusiva-contrastiva*. Universidade do Porto, 1986. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8891/2/2568.pdf> Acessado em: 04/04/2017.
- BASSO, Renato. FERRAREZI, Celso (Orgs.). *Semântica Cultural*. In: *Semântica, Semânticas: uma introdução*. – São Paulo: Contexto, 2013.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. [In]: BAUER, martin; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em:

<http://www.fkb.br/biblioteca/Arquivos/Direito/Moderna%20Gramatica%20Portuguesa%20-%20Evanildo%20Bechara.pdf> Acesso em: 20/06/2017

BERLINK, Rosane de Andrade. GUEDES, Marymarcia. (Orgs.). *E os preços eram commodos...: Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX*. São Paulo: Humanitas. USP, 2000. 465 p. (Série Diachronica: Fontes para a História da Língua Portuguesa, 2).

CARVALHO, Maria José. *A Gramaticalização e a Lexicalização como processos históricos*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 6-7, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2012, pp. 159-176. Disponível em: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n6_7/159_176.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). *Métodos de Pesquisa*. UFRGS Editora. EAD: Série de Educação à Distância. 1º Ed. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acessado em: 28 de abril de 2017.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite... [et al]. Estudos de caso. GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. LIMA, Maria Célia. HERNANDES, Vânia Cristina Casseb. GALVÃO. (Orgs). RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo... [et al.]. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.91-102.

JAIME, Marcos. *Português diacrônico: Transição do Latim ao Português – Fundamentos*. UEPA, 2015. Material Impresso. Disponível para a disciplina: Português Diacrônico.

MATEUS, Maria Helena Mira. BRITO, Ana Maria. DUARTE, Inês. FARIAS, Isabel Hun. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição. Lisboa: Editorial Caminho – Coleção Universitária / Série LINGUÍSTICA, 2003. P. 558-574.

OLIVEIRA, Daiana da Silva. *Língua portuguesa: origens e influências*. Dezembro, 2010. Disponível

<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/L%3%8DNGUA%20PORTUGUESA%20ORIGEM%20E%20INFLU%3%8ANCIAS%20-%20Daiana%20da%20Silva%20Oliveira.pdf> Acessado em: 20/06/2017

OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte de. *Análise Sintática do Português falado no Brasil*. v.1. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. Disponível em: <file:///G:/livro%20de%20sintaxe-%2014.04.2015.pdf> Acessado em: 25/06/2017

ROCHA, Maura A. Freitas. LOPES, Ruth E. Vasconcellos. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil, Vol III – A construção da sentença*. Cap. IV. KATO, Mary A. NASCIMENTO, Milton do. (Orgs.). CASTILHO, Ataliba. (Coord. Geral). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. 3º edição. Gramática secundária (revisão Prof. Evanildo Bechara. Gramática histórica (revisão Prof. Maximiano de Carvalho e Silva.). Brasília, Editôra Universidade de Brasília, 1964. 628 p.

SILVA, Tatiana Mazza da. *O advérbio juntivo adversativo porém: Invariância e variantes no século XV e XX*. Abralín, 2009. (UNESP-SJRP/FAPESP). Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsot%20Word%20-%20Tatiana%20da%20SILVA.pdf Acesso em: 22 de maio de 2017.

Artigo recebido em: 19/08/18
Artigo aceito em: 02/10/18